

# ELIO GASPARI

## Sarney poupou Saraminda

Falta pouco para que chegue às livrarias o novo romance de José Sarney. Chama-se "Saraminda". É a história de um feitiço de peitos dourados que viveu nos garimpos do Amapá nos primeiros anos do Novecentos. Foi um tempo em que as raízes das montanhas "suvam ouro", as mulheres eram vendidas em leilões e os homens acreditavam que o garimpo precisava de sangue para que a fortuna afloresse. Filha de um sargento francês com uma mulher de Caiena, a garota dos peitos de ouro não foi vendida. "Arrematou-se".

Sarney buscou a história do seu romance

anterior ("O Dono do Mar") nas fantasias oceânicas dos pescadores maranhenses. Deu-se livremente à fantasia e espantou o mau-olhado patrulheiro que rondava sua produção literária. Teve dez edições, cinco traduções e um "obra-prima" dado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Desta vez, manteve a mágica, mas foi buscar a moldura nos matos do Amapá.

A trama de "Saraminda" mistura o garimpo com a disputa pelas terras do Amapá. Com uma área equivalente a um terço da França, ele acabou sendo incorporado ao Brasil graças à astúcia do Barão do Rio Branco e à arbitragem do Governo suíço. Todas as referências históricas do romance foram obsessivamente pesquisadas. Sarney enfurnou-se em



Folha Imagem

garimpos, entrevistou velhos caboclos e gravou as histórias daquele tempo, colhidas quando eram crianças. Foi ao museu das carruagens, em Nova Jersey, para ver o cabriolé francês que Saraminda ganhou de presente. Vagou pelas ruas de Caiena. As pessoas lhe perguntavam quando havia estado na cidade, visto que a conhecia tão bem. Respondia, no seu melhor estilo: "Estive aqui há cem anos."

Acumulou informações, mas manteve-se longe do romance histórico. Mesmo na fantasia, foi parcimonioso. Começou falando de homens que usam cintas de ouro em pó ou de Firmino, o garimpeiro

que, como o presidente francês Georges Clemenceau, quis ser enterrado de pé. Depois de descrever uma navalha de ouro, incrustada com pedras preciosas e uma esmeralda que faísca como os olhos de Saraminda, a narrativa liberta-se. Seu negócio é o maravilhoso e doentio feitiço de uma mulher voraz, porém ambígua. Há nela uma Xica da Silva com pitadas de Fitzcarraldo. Carlos Heitor Coimbra decifrou-a: "Uma Capitu que provoca a dúvida."

Tendo entrado no livro valendo dez quilos de ouro, na terça parte final sua vida nada vale. Como é público, Sarney poupou-a. É tudo o que se pode dizer do desfecho, porque o prazer está em chegar a ele.

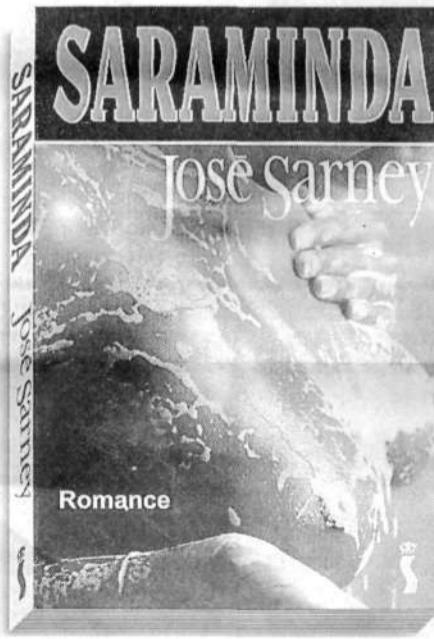
## Quem vê seios não vê coração

**Q**uarto descrições de Saraminda. Primeiro a de Sarney, que a inventou e, enfeitiçado pelo que viu, não teve coragem de matá-la. Ele a apresenta assim:

"Tinha olhos verdes, cabelos lisos que escorriam nos ombros, a pele cafusa, peitos firmes, de cones finos, que pareciam castanheiras eretas, lheiras, que não se dobravam na ventania. Os quadris eram firmes, médios, definidos nas saliências, baixos, como se escoressem na linha do corpo, harmoniosamente ajustando-se e engrossando as coxas, pernas roliças e cheias. Tinha o tronco um pouco alongado. O rosto era de uma beleza parda, entre negro-limpido e branco-sujo. Trazia no olhar um enigma que passava aos lábios carnudos, elevados, levemente repuxados na parte superior, os dentes aparecendo num risco breve, e, no sorriso, a ponta de vida que vinha do rosto, no conjunto daquele olhar e boca, com a força do carisma no falar e no sorrir. A pele era lisa, macia, acetinada. Tudo como pelúcia."

A descrição de Cleto, o homem que a comprou por dez quilos de ouro:

"Os seios escuros, as pepitas incrustadas de um amarelo intenso, derramado, a mesma cor das pe-



quenas flores da ucuuba. Eles apareceram fosforescentes, os mamilos brilhando como ouro trabalhado e polido. (...) Ali estavam os bicos dos seios que eu apenas tinha entrevisto, amarelos como ouro bruto tirado da terra, mas do brilho trabalhado por mãos de ourives, artista do bonito. As pontas eram grandes, altas, duras, roliças, fiscavam como tição."

A de Clément Tamba, amigo do dono da mulher:

"Ela entreeabriu a porta do quarto que dava para a sala e ficou à mostra, no entrefusco do candeeiro, nua, o corpo vermelho de luz. Cleto estava de costas, não viu nada. Eu via. Ela fez de propósito, de caso pensado, para me atentar, fin-

gindo de escondida que nem alma do mato. Fiquei me queimando. Ela era mocinha, mas mulher fêmea. Era diferente, com feitiço. (...) Não era que quisesse tomar a mulher de Cleto. Era ser homem para Saraminda."

A visão do francês Jacques Kemper, apelidado Barba-de-Fogo :

"Os peitos tinham os bicos amarelos, de um amarelo fosforescente, brilhando como ouro. Não dava vontade de tocá-los, nem beijá-los, mas de ajoelhar-se."